

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES'  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



**PARA PASSAR NO VESTIBULAR ESTUDE EM UM CURSINHO:**

Uma investigação sobre o surgimento dos cursinhos pré-vestibulares em

Natal (1950-1960)

HENRIQUE ALEXANDRE MEDEIROS DE LUCENA

NATAL-RN

2006

HENRIQUE ALEXANDRE MEDEIROS DE LUCENA



**PARA PASSAR NO VESTIBULAR ESTUDE EM UM CURSINHO:**

Uma investigação sobre o surgimento dos cursinhos pré-vestibulares em

Natal (1950-1960)

Monografia apresentada ao curso de História – Licenciatura e Bacharelado, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Luiz Eduardo Brandão Suassuna, para fins de avaliação na disciplina Pesquisa Histórica II.

NATAL-RN

2006

HENRIQUE ALEXANDRE MEDEIROS DE LUCENA

**PARA PASSAR NO VESTIBULAR ESTUDE EM UM CURSINHO:** Uma  
investigação sobre o surgimento dos cursinhos pré-vestibulares em Natal (1950-1960)

A monografia **PARA PASSAR NO VESTIBULAR ESTUDE EM UM CURSINHO:**  
Uma investigação sobre o surgimento dos cursinhos pré-vestibulares em Natal (1950-  
1960), apresentada por HENRIQUE ALEXANDRE MEDEIROS DE LUCENA, foi  
aprovada e aceita como requisito para aprovação na disciplina Pesquisa Histórica II, do  
curso História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Luiz Eduardo Brandão Suassuna (Orientador)

---

---

NATAL-RN  
2006

## AGRADECIMENTOS

A monografia é o último estágio de um aluno em um curso superior. É o momento, portanto, de agradecer às várias pessoas que me auxiliaram ao longo de minha trajetória. Feito às vésperas da entrega do trabalho, os agradecimentos nem sempre contemplam todos aqueles que participaram em diversos momentos do meu curso, pois a memória é sempre falha. Para aqueles que não foram citados, lembrem-se de que estarei sempre grato por tudo que foi feito para me ajudar.

A primeira pessoa a quem devo agradecer é a o professor Luiz Eduardo Brandão Suassuna (Kokinho). Foi ele que acendeu o desejo de me tornar professor de História e é ele que me dá sempre as mãos em gestos de ajuda que jamais serão apagados da minha mente.

Devo agradecer à professora Aurinete Girão Barreto, que tantas vezes me ajudou, quebrando os meus galhos e sempre achando uma solução para meus problemas no curso. De outro professor do departamento de História, Raimundo Nonato da Rocha, recebi a sugestão do tema que trabalhei, e fico muito grato seu auxílio durante o projeto de pesquisa.

Agradeço ao professor José Henrique Bittencourt, pela entrevista feita em um chuvoso domingo de manhã, mas concedida com muita alegria e boa vontade.

Dois amigos também foram importantes para mim ao longo da graduação – Yuri Simonini e João Carlos Rocha. Ambos me ajudaram, dando os avisos das disciplinas que muitas vezes não pude comparecer com frequência, auxiliando nos trabalhos, emprestando livros, discutindo bibliografias, algumas, inclusive, presentes nesta monografia.

Não poderia deixar de agradecer a minha família, na figura de meus irmãos e da minha mãe, que sempre estiveram comigo nos diferentes caminhos traçados pela vida.

*“Sinto perfeitamente bem que minha memória seleciona minhas lembranças como quer, sem que eu consiga contrabalançar”*

(Janvier Muyaneza, sobrevivente do genocídio de Ruanda).

## RESUMO

Atualmente os cursinhos, em Natal, têm grande importância na preparação do alunado para que estes possam enfrentar o vestibular. Buscando compreender como foi possível a formação e consolidação destes cursos, este trabalho interroga quais aspectos levaram ao surgimento do ensino preparatório para os exames de habilitação das faculdades. Percebemos que o aparecimento dos cursinhos coincide com um contexto de modernização no Rio Grande do Norte, exatamente quando o governo estadual consolida o ensino superior, com a instituição da Universidade do Rio Grande do Norte. Além disso, na sua origem, os cursinho tem ampla ligação com os cursos superiores, uma vez que são seus próprios professores e alunos que formaram as primeiras salas preparatórias, visando melhor o nível dos candidatos que iriam prestar vestibular.

Palavras-Chaves: Ensino Secundário – Cursinhos – Universidade do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. REPÚBLICA, MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO NORTE-RIO-GRANDENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930).....</b>	<b>12</b>
<b>2. ENTRE DITADURAS E DEMOCRACIAS: A EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE E O ESTABELECIMENTO DOS CURSINHOS (1930- 1960).....</b>	<b>21</b>
<b>2.1. A educação na Era Vargas (1930/1945).....</b>	<b>21</b>
<b>2.2. Populismo e Ditadura: a consolidação do ensino universitário potiguar e o surgimento dos cursinhos (1945-1960).....</b>	<b>24</b>
<b>3. MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE CURSINHO: OS PRIMEIROS MOMENTOS DE UMA NOVA FORMA DE ENSINO.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1. Entrevista com o professor José Henriques Bittencourt.....</b>	<b>32</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>39</b>



## INTRODUÇÃO

O ensino de cursinho pré-vestibular se caracteriza por ser uma atividade de ensino em massa, no qual os professores procuram ministrar, de forma didática e rápida, os conteúdos necessários para que os alunos do ensino médio possam ter condições de prestar o exame para ingressar nas universidades.

A formação dos cursinhos pré-vestibular em Natal remonta à década de 50 e o início da década de 60 do século XX, uma vez que havia uma carência bastante considerável na cidade de uma preparação específica para os alunos concluintes do ensino médio que desejassem ingressar no ensino superior. Foi nesse período que a Universidade do Rio Grande do Norte, àquela época estadual, iniciou seu processo de federalização.

As primeiras faculdades surgiram, em Natal, entre os anos 1940 e 1950, tendo sido pioneira a faculdade de Farmácia e Odontologia. Posteriormente surgiram outros cursos, tais como Direito, Medicina, Filosofia, Contabilidade e Engenharia Civil. A formação dessas graduações evidenciava o desenvolvimento do estado e a necessidade de formação de professores e profissionais especializados na própria, uma vez que havia grande deficiência de pessoal qualificado de nível superior, o que diminuiria a dependência intelectual e política em relação a Pernambuco. Para se ter uma idéia, todos os juizes de Direito de Natal, até aquela data, ou havia estudado no Recife ou eram pernambucanos. Além disso, as famílias norte-rio-grandenses tinham dificuldades em enviar os seus filhos para completar seus estudos, pois os custos eram muito altos, tornando restrito, assim, o acesso ao ensino superior.

Foi exatamente neste contexto que surgiram as primeiras dificuldades para os estudantes interessados no ensino superior, ora porque as escolas do Natal não

ofereciam condições específicas que qualificassem seus alunos para o sucesso no vestibular, ora devido ao rigor das bancas que estabeleciam as provas. Adeptas a um ensino tradicional, as escolas potiguares não enxergavam a necessidade de adaptação à nova realidade que se inaugurava com a formação de uma Universidade no Rio Grande do Norte.

Desta maneira, desencadeou-se uma situação que permitiu a formação dos cursinhos destinados a abarcar toda a demanda de alunos, cada vez mais interessados em ingressar no ensino superior. Os primeiros cursos estavam voltados para a preparação na área tecnológica e biomédica. Estes foram criados, inicialmente, a partir da própria universidade, uma vez que seus professores e alunos ministraram aulas, objetivando a maior qualificação para os estudantes que buscavam entrar nos cursos.

É sobre este assunto que versa nosso trabalho: a compreensão do surgimento dos primeiros cursinhos em Natal. Para tal, procuramos, no primeiro capítulo deste trabalho, compreender os desenvolvimentos educacionais que ocorreram no Rio Grande do Norte logo após a República, que levaram à formação de um primeiro curso superior em sua capital, a Faculdade de Farmácia.

Além de discorrer sobre o período da Primeira República, também analisamos as questões educacionais nos períodos subseqüentes, tais como a Era Vargas, o a República Populista e os primeiros anos da Ditadura Militar. Estes períodos foram importantes, uma vez que foi no final dos anos 1940 que, finalmente, o ensino superior começou a se consolidar no estado e, nos anos subseqüentes, como já foi informado, houve a instituição da Universidade do Rio Grande do Norte, posteriormente colocada sob os auspícios do governo federal. Estes fatos permitiram o desenvolvimento dos cursinhos em Natal, como demonstramos em nosso segundo capítulo.



O terceiro capítulo foi construído a partir da metodologia da História Oral, uma vez que, por falta de bibliografia acerca do tema – inclusive em âmbito nacional – não tivemos condições de realizar uma grande pesquisa. Assim, escolhemos, para responder nossas inquietações acerca dos primeiros cursinhos, entrevistar os professores que participaram daquela nova forma de ensino, pioneira em Natal. No entanto, as dificuldades, presentes em qualquer todo trabalho, impossibilitaram os encontros com vários professores. Só conseguimos colher um depoimento.

Apesar de todos os problemas, a construção da monografia foi possível, e pudemos encontrar as respostas aos nossos objetivos iniciais, e traçamos uma trajetória acerca da gênese dos cursinhos pré-vestibulares em Natal.

# 1. REPÚBLICA, MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO NORTE-RIO-GRANDENSE NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)

O final do século XIX foi marcado por intensas transformações, tanto no Brasil como no mundo. Naquele momento, no plano internacional, se vivia a Segunda Revolução Industrial, marcada pelos novos pressupostos científicos e tecnológicos que alteravam as formas de viver, principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América, regiões que sofriam esse progresso do Capitalismo. A Revolução Científico-Tecnológica se fez sentir “na sua plenitude, alterando tanto os hábitos e costumes cotidianos quanto o ritmo e intensidade dos transportes, comunicações e do trabalho”<sup>1</sup>.

Essas modificações tornaram o mundo em um local onde as noções tradicionais eram abaladas, questionadas, e a consolidação e expansão do Capitalismo incutiu severas modificações nas regiões periféricas, dominadas econômica ou politicamente, pelas grandes potências ocidentais. Discutindo esta questão, Nicolau Sevcenko expõe que, aos dominadores, era “necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instalar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conforme o novo padrão de economia de base científico-tecnológica”<sup>2</sup>.

Sevcenko ainda percebe que as tentativas de transformar aquelas sociedades levaram à desestabilização das estruturas arcaicas que equilibravam as questões regionais. Assim, em diferentes partes do mundo, surgiram conflitos que envolveram os países periféricos e as grandes potências. Na América Latina, os principais acontecimentos bélicos ficaram em torno da região do Prata. A Inglaterra, aliada do

---

<sup>1</sup> SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3, p.11.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p.13.

Império Brasileiro e das elites liberais dos países platinos, passou a luta contra a resistência dos “líderes tradicionais do Uruguai (1851, 1864-65), da Argentina (1852) e do Paraguai (1865-1870)”<sup>3</sup>.

Esses conflitos, realizados com um esforço de grande escala para um governo bastante fraco como o brasileiro, levaram ao endividamento e ao enfraquecimento do sistema monárquico. Assim, foi exatamente nesse período que se formou o primeiro partido republicano do país – o Partido Republicano Paulista (1870) – e que surgiu uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, conhecida por “Geração de 70”, comprometida com a idéia de modernização das antigas estruturas monárquicas.

Inspirados no progresso incutido pela Segunda Revolução Industrial, essa geração de pensadores se baseavam nas correntes científicas difundidas no hemisfério norte, principalmente o Positivismo e o Darwinismo Social, dos pensadores Augusto Comte e Herbert Spencer, respectivamente. A Ciência, aliás, aparecia, naquele momento, como a forma de “redimir incertezas”, de “possibilidade de expressão dos [...] mais altos desejos [das elites]”<sup>4</sup>, no dizer de Lilia Moritz Schwarcz e Ângela Marques da Costa. O progresso científico gerava a certeza de que o mundo vivia em um período de prosperidade e paz, de belos tempos<sup>5</sup>.

Assim, quando há o movimento da Proclamação da República, em 1889, o Brasil já vivenciava intensas transformações em suas estruturas tradicionais, não apenas econômicas e sociais, mas também no plano das idéias. A mão-de-obra escrava, por

---

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. v.3, p.13.

<sup>4</sup> COSTA, A. M.; SCHWARCZ, L. M. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.10-11. (Virando Séculos, 6)

<sup>5</sup> A certeza de que a ciência demonstrava o progresso alcançado pelas sociedades industriais estava na grande quantidade de descobertas que surgiram em pouco tempo. Em um período de vinte anos (1860-1870), a ciência aumentou em muito seus conhecimentos: já havia sido desenvolvido o elevador, a teoria da seleção natural, a descoberta de que os germes eram causadores de doenças, a pasteurização de alimentos, o dinamite, a tabela periódica de elementos, dentre outros. A lista completa das invenções e descobertas da Segunda Revolução Industrial pode ser observada em COSTA, A. M.; SCHWARCZ, L. M. Op.cit. p. 159-160.

exemplo, foi substituída pela assalariada, notadamente após o início das leis abolicionistas; a eugenia foi abraçada pela elite brasileira, quase em sua unanimidade a partir de 1880, aspecto que permitiu formação de estruturas sociais e políticas autoritárias<sup>6</sup>, baseadas no racismo que iria marcar boa parte da República brasileira; e as elites econômicas dominantes, notadamente advindas da produção do café, passaram a mandar na política central, principalmente por meio do sistema federalista, que lhes assegurou “não só o controle dos seus próprios rendimentos, como condições de usar seu poder econômico para decidir os destinos da [...] ordem republicana”<sup>7</sup>.

Esse novo regime que se instalava no Brasil, surgia no imaginário dos seus participantes como o único momento em que a nação poderia superar o seu passado de colonialismo e escravidão, de se ajustar aos padrões sociais e econômicos europeus e norte-americanos por meio, em parte, do afluxo de capitais estrangeiros que permitiriam o rápido progresso do país. Essa “necessidade de modernização” ocorrida nos momentos iniciais da república gerou diversos problemas econômicos, como o Encilhamento, que terminou por destruir vários representantes das elites tradicionais, permitindo a ascensão de arrivistas, os quais se aproveitaram das especulações nas bolsas de valores do país. O Brasil tinha que se modernizar, nem que fosse uma “inserção compulsória na Belle Époque”, como nos descreve Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão*.

No entanto, não seria apenas por meio do afluxo de capitais que o Brasil conseguiria superar a sua herança colonial. Como já dito anteriormente, nos momentos finais do regime monárquico, os intelectuais brasileiros acreditavam que a ciência poderia auxiliar ao desenvolvimento do país. Além disso, a educação era encarada como

---

<sup>6</sup> MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.13

<sup>7</sup> SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. v.3, p.14.

ponto cabal para a melhoria da raça brasileira<sup>8</sup> e havia a crença de que a civilização e o progresso seriam alcançados graças à educação<sup>9</sup>.

Assim, a formação do regime republicano brasileiro também trouxe à tona uma nova idéia de ensino – a Escola Moderna – que surgia como uma instituição notadamente republicana, tendo sido projetada para ser a imagem e a referência dos novos tempos que se anunciavam. A Escola era, naquele momento, os “Templos da Civilização Republicana”, locais onde conhecimentos, sentimentos e valores cosmopolitas e nacionais seriam ensinados a todo povo<sup>10</sup>.

Deve-se lembrar que o modelo escolar era relativamente novo no Brasil. Durante muito tempo, no século XIX – a exceção das regiões mais abastadas – a educação ocorria, principalmente, em casa, por professores contratados, que davam ênfase nas línguas estrangeiras e artes, bem como noções de cálculo, geografia e história<sup>11</sup>. Em Natal, esse tipo de ensino era muito comum, uma vez que o Estado, de poucos recursos, não tinha condições de construir uma rede de ensino público, muito menos de manter professores de boa qualidade, pois os rendimentos eram tão baixos que, segundo Rocha Pombo, qualquer pescador ou homem do campo podia ganhar facilmente a mesma quantia<sup>12</sup>. Luiz da Câmara Cascudo, por exemplo, recebeu boa parte de sua educação básica em casa, sendo instruído pelo professor Pedro Alexandrino, já no início do século XX<sup>13</sup>. No Rio Grande do Norte, talvez a grande exceção do ensino público tenha sido o Atheneu Norte-Rio-Grandense, fundando em 1834, no mesmo ano do Ato Adicional, que descentralizou o campo educacional, dando às assembleias provinciais o poder de

---

<sup>8</sup> BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.27.

<sup>9</sup> GOMES, Angela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.387

<sup>10</sup> Ibid., p.391.

<sup>11</sup> Ibid., p.385-387.

<sup>12</sup> *Apud* MEDEIROS, Tarcísio. **Estudos de História do Rio Grande do Norte**. Natal: Tipografia Santa Cruz, 2001. p.158

<sup>13</sup> Sobre Pedro Alexandrino e sua relação com Câmara Cascudo, ver CASCUDO, L. da C. **Alma patrícia**. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998. p.128-132.

legislar acerca da educação, “onerando ao poder Executivo com o pagamento dos professores, além da responsabilidade de manter as ‘humanidades’ ou chamadas ‘Aulas Maiores’, as quais constavam de Filosofia, Geometria, Retórica, Francês e Latim”. Essas “Aulas Maiores” eram ministradas no Ateneu, que se tornou, naquele momento, a instituição cultural responsável pela preparação de boa parte da “mocidade norte-riograndense”<sup>14</sup>.

A República, naquele momento, estabelecia, portanto, um novo sistema de ensino, o qual modificou vários aspectos que estiveram presentes na tradição monárquica brasileira. A Constituição de 1891, marcada pelo Federalismo, manteve a descentralização no campo educacional, que havia sido anteriormente instituído pelo Ato Adicional em 1834: julgava-se, naquele momento, que a descentralização, em função do grande tamanho e diversidade do território nacional, seria mais eficaz, mesmo considerando as desigualdades existentes entre os estados, ficando a cargo destes o ensino elementar<sup>15</sup>. Outro aspecto importante foi a retirada do ensino religioso dos currículos das escolas públicas, em função da separação da Igreja Católica ao Estado. Além disso, a questão da gratuidade do ensino ficou a cargo das Constituições Estaduais<sup>16</sup>. A Constituição Federal permitia, portanto, que as elites locais se utilizassem da educação da forma que lhes bem entendesse, e, historicamente, sabe-se que ela foi usada de acordo com as prioridades políticas locais, uma vez que os eleitores analfabetos não podiam votar<sup>17</sup>.

O analfabetismo, inclusive, era um dos maiores problemas educacionais brasileiros, sendo considerado, por vários intelectuais daquela época, a exemplo de Monteiro Lobato, como a “mancha da nação”. Em um censo realizado em 1906,

---

<sup>14</sup> MEDEIROS, Tarcísio. *Estudos de História do Rio Grande do Norte*. p.158

<sup>15</sup> GOMES, Angela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). *A República no Brasil*. p.389.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p.391. A obrigatoriedade do ensino público gratuito só foi incorporada na Constituição de 1834.

<sup>17</sup> BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. p.16.



calculou-se que 74,6% da população brasileira não sabia ler nem escrever<sup>18</sup>, um número expressivo para um país que tinha por objetivo se igualar às grandes potências do hemisfério norte.

Para tentar diminuir a extensão da “mancha”, surgiram as “Ligas de Defesa Nacional”, as quais objetivavam a idéia de alfabetização em massa, de forma imediatista e pragmática<sup>19</sup>. No Rio Grande do Norte, no ano de 1916, foi fundada a “Liga Contra o Analfabetismo no Rio Grande do Norte”, formada por intelectuais de expressão local, como Aduino Câmara, Nestor dos Santos Lima, Clementino Câmara e Silvino Bezerra Neto. Esse movimento, procurando apoio para seus objetivos, aproximou-se de vários setores da sociedade, tais como os governos estadual e municipal, as Igrejas e diversas associações recreativas dos moradores da região<sup>20</sup>.

No entanto, esse não foi o único movimento educacional que surgiu no Rio Grande do Norte. Com a chegada da Modernidade à capital, ainda nos primeiros momentos do século XX, houve transformações significativas nas idéias da época. De acordo com Marta Araújo, “o novo começou a tomar o lugar do antigo na organização da educação e da cultura”<sup>21</sup>. A cidade vivenciava transformações, com a instalação de bondes e da energia elétrica, os homens se habituavam aos outros ritmos da vida urbana e os governos estaduais das décadas de 1910 e 1920 erigiram uma nova cidade<sup>22</sup>.

A educação, obviamente, também sofreu modificações, inicialmente sob os auspícios do Dr. Pinto de Abreu, então Diretor-Geral da Instrução Pública, que extinguiu o antigo sistema de ensino e implantou os Grupos-Ecolares, objetivando o

---

<sup>18</sup> BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. p.12.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p.30-31.

<sup>20</sup> ARAÚJO, Marta Maria de. *José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante*. Natal: EDUFRRN, 1998. p.110.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p.98.

<sup>22</sup> Os governos de Alberto Maranhão são conhecidos pelas suas transformações urbanísticas, com melhoramentos na Ribeira e Cidade Alta. Ainda na década de 1920, durante o governo de Juvenal Lamartine, foi encomendado do arquiteto italiano Giacomo Palumbo, um *masterplan* para a cidade do Natal.

desenvolvimento integral do aluno<sup>23</sup>. O ensino público que começou a se desenvolver era notadamente masculino, uma vez que as mulheres era minoria, inclusive no Ateneu Norte-Rio-Grandense<sup>24</sup>. Assim, dado a essa defasagem no ensino às mulheres, surgiu a uma “Liga de Ensino”, liderada por Henrique Castriciano, que tinha por objetivo lutar pela educação feminina nos moldes europeus, marcados pela idéia de Modernidade. Sobre a criação desta liga, Marta Araújo escreveu:

O Remodelamento da cidade e da educação levou por parte das vanguardas dirigentes reformadoras a preocupação com a integração social da mulher na vida cotidiana. Para tanto, fundar uma escola doméstica à semelhança das que existiam nas nações cultas, em que ao lado do indispensável ensino teórico, sejam ministrados conhecimentos práticos que habilitem a mulher a velar criteriosamente pela educação física, intelectual e moral dos filhos e orientando o espírito dela de modo a viver por si<sup>25</sup>.

Assim, criava-se a primeira escola doméstica do país, baseada na pedagogia suíça, que iria formar mulheres para seu papel na modernidade: ser a rainha do lar, aquela que cuidaria dos filhos e do marido. Essa escola conviveu com a instalação de outras instituições em Natal, como o Colégio da Imaculada Conceição (1902), o Colégio Diocesano Santo Antônio (1903), a Escola Normal (1908), a Escola Técnica de Comércio de Natal (1919) e a Escola Profissional do Alecrim (1922)<sup>26</sup>. Assim, o Período da Primeira República no Rio Grande do Norte, seguindo os patamares do governo central, procurou desenvolver a educação, lutando contra o analfabetismo, ministrando o ensino técnico e profissionalizante, baseado na idéia de que a educação seria o aspecto que levaria a região ao progresso.

No entanto, nessa primeira fase do governo republicano no estado, há um período que muito nos interessa: a década de vinte. Esse momento começou com a

---

<sup>23</sup> ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros**: político e educador militante. p.99.

<sup>24</sup> MEDEIROS, Tarcísio. **Estudos de História do Rio Grande do Norte**. p.162.

<sup>25</sup> ARAÚJO, Marta Maria de. Op.cit. p.99.

<sup>26</sup> MEDEIROS, Tarcísio. Op. cit. p.163-164.

ascensão do governo Antônio José de Melo e Souza (1920-1924), que, “interessado em problemas educacionais, criou a [...] Faculdade de Farmácia de Natal”<sup>27</sup>, e teve seu auge no governo José Augusto Bezerra de Medeiros, quando foi feita uma reforma educacional (1925-1928).

A primeira tentativa de formação de um curso superior na capital do estado começou ainda com o estabelecimento da lei nº498, de 02 de dezembro de 1920, que iniciava a o projeto da Faculdade de Farmácia. Ainda no governo de Melo e Souza, no ano de 1923, finalmente a pioneira escola superior começou a funcionar, ainda no prédio do colégio Ateneu. Seu vestibular obteve a inscrição de 26 candidatos, mas, devido ao baixo nível do alunado, apenas quatro foram aprovados, e, destes, apenas dois terminaram o curso<sup>28</sup>. A Faculdade de Farmácia só existiu por dois anos, tendo sido fechada em 1925, após o término de sua primeira turma, e o estado continuava, portanto, a não ter cursos superiores consolidados. Os estudantes potiguares permaneceram tendo a necessidade de ir aos grandes centros brasileiros – Recife, Salvador e Rio de Janeiro, principalmente – para se graduar.

Apesar desse fracasso, a década de vinte vivenciou outros aspectos importantes para a educação estadual. No Rio Grande do Norte, “as pautas modernizadoras do governo José Augusto estavam articularas, na década de 20, a projetos de homogeneização cultural e moral da sociedade”<sup>29</sup>, e, a partir de 1925, a educação potiguar, influenciada pelas questões da Escola Nova, experimentou ares de inovação. Como se sabe, o Escolanovismo criticou o tipo imediatista da educação proposta para acabar com o analfabetismo, imaginando que a educação deveria ser feita de forma integral, transformando a mentalidade dos alunos e da época. José Augusto, portanto,

---

<sup>27</sup> MARIZ, Marlene Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002. p.232.

<sup>28</sup> MEDEIROS, Tarcísio. **Estudos de História do Rio Grande do Norte**. p.164.

<sup>29</sup> ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante**. p.161.

buscou, segundo Marta Araújo, elevar a mentalidade dos indivíduos e a integração deles à vida moderna<sup>30</sup>.

A educação no Rio Grande do Norte, na Primeira República, diversas fases. No entanto, marcada pela idéia de Modernidade, havia o princípio de que era necessário o desenvolvimento educacional da população para que o progresso chegasse ao estado e, conseqüentemente, ao Brasil. Naqueles momentos iniciais do regime republicano, as elites locais utilizaram a educação, por razão do Federalismo Constitucional, de acordo com seus interesses políticos, inclusive instituindo reformas que apresentavam interpretações diversas sobre os modelos pedagógicos.

No entanto, a década de 1930 acabou com o Federalismo e concentrou, nas mãos do poder central, as decisões políticas acerca da educação. O regime de Getúlio Vargas, preocupado com a questão da nacionalidade, criou um Ministério da Educação e reformou a educação, instituindo um sistema nacional de educação.



---

<sup>30</sup> ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros**: político e educador militante. p.161.

## **2. ENTRE DITADURAS E DEMOCRACIAS: A EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE E O ESTABELECIMENTO DOS CURSINHOS (1930-1960)**

### **2.1. A educação na Era Vargas (1930/1945)**

A Revolução de 1930 alterou os rumos da política nacional, baseada nos governos oligárquicos que dominavam a nação desde a queda da monarquia. Naquele momento, o Federalismo, grande princípio constitucional, dava às elites os poderes de decisão acerca das atitudes a serem tomadas em seus estados. Como já dito, esse aspecto permitia que as questões como educação e saúde fossem utilizadas ao bel prazer dos dominantes para que estes mantivessem seus poderes.

No entanto, com o início do governo Vargas, as oligarquias viram seus antigos privilégios serem, pelo menos em parte, destruídos. Preocupado em construir um governo forte e centralizado, Getúlio Vargas modificou várias leis e, inclusive, constituições<sup>31</sup>, dando-o, assim, características de governo autoritário.

Assim, no tocante à educação, o novo governo preocupou-se com a instalação de um Sistema Nacional de Educação, contrapondo-se às diferentes e pulverizadas reformas educacionais que existiram no Brasil durante a Primeira República. Para tanto, Getúlio criou o Ministério da Educação e Saúde (1930), que, inicialmente ficou a cargo do jurista Francisco Campos, o qual instituiu a Reforma de 1931.

No momento da reforma, existiram diversas disputas de poder. Sabemos que determinados grupos educacionais competiram para estabelecer a sua forma de saber na reforma nacional. Dentre eles, podemos destacar o grupo católico e o Escolanovista.

Quando ocorreu a Proclamação da República (1889), o Estado separou-se da Igreja Católica, e, como dito no capítulo anterior, a educação passou a ser laica, tendo

---

<sup>31</sup> Sabe-se que, durante a Era Vargas (1930-1945), o Brasil teve duas constituições: uma em 1934, promulgada, e outra em 1937, outorgada, que foi a constituição do Estado Novo.

sito retirada dos currículos escolares o ensino religioso. O clero havia perdido boa parte do seu poder frente à sociedade, uma vez que tinha diminuído sua influência sobre a educação dos jovens brasileiros. Assim, quando houve a Reforma Francisco Campos, como também ficou conhecida, a Igreja passou a disputar pela necessidade do ensino religioso nas escolas públicas, pois criticava os ideais liberais propostos pelos educadores brasileiros, partindo do princípio de que uma sociedade individualista se tornava mais vulnerável à desagregação<sup>32</sup>. Os Escolanovistas, por sua vez, defendiam o ensino público, gratuito e laico, não aceitando a idéia de ensino religioso.

No entanto, procurando conter as disputas, o governo Vargas aproximou-se tanto dos intelectuais leigos quanto dos católicos, uma vez que, em 1934, a constituição tornou o ensino religioso facultativo, e em 1937, com a constituição do Estado Novo, a disciplina passou a integrar os cursos ordinários<sup>33</sup>, e o ensino público e gratuito se expandiu pelo Brasil.

O Rio Grande do Norte vivenciou, na Era Vargas, o estabelecimento destas disputas. Devemos lembrar que foi neste período que vários colégios religiosos estabeleceram-se em Natal: em 1932, o Colégio Nossa Senhora das Neves foi fundado; em 1936, em uma mansão doada por D. Inês Barreto, surgiu o Colégio Salesiano, na Ribeira; e o próprio Colégio Diocesano Santo Antônio anexo à Igreja de mesmo nome, na Cidade Alta, foi entregue, em dezembro de 1929, à direção dos Irmãos Maristas, que passaram a lecionar nele a partir de 1930<sup>34</sup>. Além disso, este período também foi marcado pela expansão do ensino público no estado, quando tivemos a fundação, por exemplo, do Ginásio Sete de Setembro, e “a expansão de uma rede de colégios estaduais para atender [...] também o interior”<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. p.50.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p.48-49.

<sup>34</sup> MEDEIROS, Tarcísio. *Estudos de História do Rio Grande do Norte*. p.163.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p.164.

A Reforma Campos também teve um significado importante para o ensino superior no Brasil, uma vez que instituiu o chamado Estatuto das Universidades Brasileiras, que

estabeleceu padrões para a organização de instituições de ensino superior em todo o país, determinando que uma universidade se formaria pela reunião de pelo menos três faculdades, entre as quais uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [...]. O reitor de uma universidade e os diretores das faculdades, quando federais, seriam escolhidos pelo ministro da Educação [...]. O ingresso dos alunos em estabelecimentos de ensino superior continuava dependendo da apresentação de certificado de conclusão do curso secundário e da aprovação nos exames vestibulares<sup>36</sup>.

Assim, o ensino superior recebeu suas ordenações, que deveriam ser seguidas em todo território nacional. Embora essas leis tenham sido importantes para a regulamentação das universidades em todo o Brasil, ela não facilitou a instalação de uma faculdade no Rio Grande do Norte, pois o Estado, de poucos recursos, não tinha condições de financiar o desenvolvimento de uma universidade estadual. Mais uma vez, os alunos que podiam continuar a sua carreira de estudos eram os provenientes da elite potiguar, que se dirigiam às faculdades e universidades de centros maiores do que Natal<sup>37</sup>.

No ensino secundário, a Reforma de 1942, já sob os auspícios do ministro Gustavo Capanema, manteve a “tradição brasileira de formar a elite [...], priorizando a orientação clássica humanista, reservando a formação profissional e técnica aos

---

<sup>36</sup> GOMES, Angela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). **A República no Brasil**. p.417-419.

<sup>37</sup> Na Era Vargas, de acordo com Ângela de Castro Gomes, existia apenas cinco universidades: Universidade de Minas Gerais, Universidade do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo e Universidade do Distrito Federal. A Universidade do Brasil, criada em 1939, absorveu os professores e alunos da URJ e da UDF. Retirado de GOMES, Angela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). Op. cit. p.421-422.

‘necessitados da misericórdia pública’<sup>38</sup>, que eram ensinados no complexo de treinamento para atividades econômicas – Sesc, Senai, Sesi, Senac.

O período de Vargas, portanto, pode-se conhecido como período da “nacionalização do ensino”, uma vez que a educação tornou-se uma preocupação séria do governo, ligada ao princípio do estabelecimento de uma identidade nacional, ainda em construção.

## **2.2. Populismo e Ditadura: a consolidação do ensino universitário potiguar e o surgimento dos cursinhos (1945-1960)**

A redemocratização iniciada a partir da queda de Getúlio Vargas e as eleições para a Assembléia Constituinte de 1946 e para novo presidente, gerou uma série de iniciativas educacionais importantes, as quais disputaram espaço político e coexistiram por vários anos. Todavia, continuava a existir a crença no poder de transformação social da educação, ainda com as idéias de que a escola pública tinha a missão de modernizar o país, integrando diversos setores populacionais.

Assim, a educação obteve diversos debates na época da nova carta constitucional. No entanto, esta não estabeleceu alterações significativas na estrutura do sistema nacional de ensino, mantendo a obrigatoriedade do ensino primário. No entanto houve o retorno do “preceito de que a União e os estados deveriam aplicar um percentual de seus recursos em educação, o que havia sido suprimido na Constituição outorgada de 1937”, e esse fato fortaleceu o “compromisso dos poderes públicos de atuar nos diferentes níveis de ensino”<sup>39</sup>. Assim, os governos estaduais tinham maiores possibilidades de estabelecer suas redes ensino, seja primário, secundário ou superior,

---

<sup>38</sup> BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. p.53.

<sup>39</sup> GOMES, Ângela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). **A República no Brasil**. p.425.



uma vez que à União ficava permitida a cooperação, de todas as formas legais, com os poderes estaduais e municipais<sup>40</sup>.

Mesmo após o fim do Estado Novo, o Rio Grande do Norte ainda a ascensão de três interventores federais ao governo do estado, sendo eles Miguel Seabra Fagundes, Ubaldo Bezerra de Melo e Orestes da Rocha Lima. No governo deste último, por meio do Decreto-Lei estadual nº682, foi criada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Natal (1947), que retomou as atividades da pioneira faculdade da década de 20, ainda com alguns de seus antigos professores. A faculdade começou a funcionar dois anos depois, já no governo de José Augusto Varela, tendo tido o reconhecimento dos seus cursos em 1952, no decreto nº31.209, do Governo Federal<sup>41</sup>.

O governo de José Varela, aliás, teve outra importante questão educacional, no tocante ao nível superior, uma vez que sancionou a lei nº149, de 15.08.1949, que instituiu a Faculdade de Direito de Natal (1949). No entanto, apenas no ano de 1955, seis anos após a sua criação, foi que o curso iniciou suas atividades, com um vestibular que obteve a inscrição de 126 candidatos, mas apenas 43 foram aprovados<sup>42</sup>.

Além das faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia e de Serviço Social – estabelecida em 1945 –, o governo estadual também criou a Faculdade de Medicina (1955), a Faculdade de Filosofia, Letras e Artes de Natal (1955) e a Escola de Engenharia de Natal (1957).

A criação desses cursos, em nosso entender, estava ligada a uma manobra política dos governos estaduais para reduzir sua dependência frente ao estado de Pernambuco, que “monopolizava” os conhecimentos acadêmicos no Nordeste, por ter as principais faculdades da região. De acordo com Tarcísio Medeiros, “até 1925, mais da

---

<sup>40</sup> GOMES, Ângela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). **A República no Brasil**. p.425.

<sup>41</sup> MEDEIROS, Tarcísio. **Estudos de História do Rio Grande do Norte**. p.183.

<sup>42</sup> MEDEIROS, Tarcísio. Op. cit. p.190.

metade dos Desembargadores nomeados no Estado provinham de outras unidades da Federação”<sup>43</sup>, o que evidenciava a total subordinação educacional que o estado sofria. Assim, era necessário ao Rio Grande do Norte estabelecer graduações que pudessem dar, aos seus habitantes, as condições necessárias para assumirem funções importantes, inclusive na própria administração estadual.

Além disso, percebemos que boa parte dos cursos criados pelos governadores potiguares surgiram ou iniciaram suas atividades, geralmente, entre os anos de 1951-1955, exatamente no momento em que João Café Filho estava empossado como vice-presidente do Brasil. Obviamente os governos estaduais tiveram grande importância, mas a atuação do governo federal também é importante para a formação das primeiras graduações do estado. De acordo com Tarcísio Medeiros, quando da fundação da Faculdade de Medicina do estado,

a recente fundação recebeu todo o apoio do então Presidente da República, João Café Filho, e de outros elementos de importância no cenário nacional, originário (*sic*) deste Estado, havendo o Governo Federal aberto um crédito substancial em favor da instituição<sup>44</sup>.

Assim, seguindo a idéia de que o governo federal atuou em diferentes níveis educacionais, compreendemos que a instalação e funcionamento das primeiras faculdades norte-rio-grandenses muito devem ao governo federal, uma vez que créditos foram abertos para as recém-fundadas instituições. Deve-se, inclusive, ressaltar que o governo estadual, durante a administração de Dinarte Mariz, criou a Universidade do Rio Grande do Norte (1958), por meio da conjunção dos diversos cursos já existentes em Natal, mas a consolidação do seu funcionamento só ocorreu por meio de sua

---

<sup>43</sup> MEDEIROS, Tarcísio. *Estudos de História do Rio Grande do Norte*. p.190.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p.192.

federalização, em dezembro de 1960, pela lei nº2.307, assinada pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira<sup>45</sup>.

Após suas fundações, as faculdades, para iniciar seus cursos, tinham que promover vestibular, dando, assim, as condições para que os alunos fossem aprovados nas graduações. Ao pesquisar acerca dos números de aprovados nos concursos, verificamos que a maior parte das vagas não foram preenchidas. No primeiro vestibular da Faculdade de Direito de Natal, realizado em 1955, compareceram 126 candidatos concorrendo por cinquenta vagas, mas apenas 43 foram aprovados. Pouco tempo depois, foi feito o primeiro concurso de habilitação para a Faculdade de Medicina de Natal, no qual apenas 22 alunos foram aprovados, em um total de quarenta vagas, o que acarretou a diminuição deste número para trinta. Já para a Faculdade de Engenharia, que teve seu primeiro vestibular em 1960, compareceram 37 candidatos, tendo sido aprovados apenas sete<sup>46</sup>.

O principal motivo para esta pouca aprovação estava enraizado no baixo nível educacional dos habitantes do estado, uma vez que a maioria destes não tinham acesso a boas condições escolares, e suas deficiências apareceram nos exames vestibulares, iniciados na década de 1950.

Foi exatamente nesse período que temos notícia do surgimento dos primeiros cursinhos em Natal, voltados, principalmente, para a preparação do alunado que iriam prestar vestibular na área biomédica ou tecnológica, ou seja, às faculdades de Medicina, Farmácia, Odontologia e Engenharia.

Levando isto em consideração, compreendemos também que os cursinhos começaram a surgir na década de 1950 não apenas pela motivação de uma nova fase educacional no estado – a consolidação do ensino superior – mas principalmente com o

---

<sup>45</sup> MARIZ, Marlene Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. p.348.

<sup>46</sup> MEDEIROS, Tarcísio. **Estudos de História do Rio Grande do Norte**.p.190-196.

intuito de suprir as dificuldades dos alunos que iriam prestar vestibular nas recém-fundadas faculdades e, até mesmo, em centros acadêmicos maiores, como Recife ou Salvador.

A demanda pelos cursinhos aumentou cada vez mais, principalmente após a federalização da Universidade do Rio Grande do Norte e da criação de mais cursos, tais como o de Contabilidade e de Engenharia Elétrica, ainda nos anos 60. Esta década, aliás, vivenciou o golpe militar de 1964 e também observou algumas transformações no sistema educacional.

No ensino superior, a ditadura aumentou o número de vagas nas universidades públicas e permitiu, também, o crescimento da rede privada na oferta de ensino superior<sup>47</sup>. No entanto, talvez a principal questão tenha sido a formulação da Reforma Universitária de 1968 – lei nº5.540/68 – e posteriormente o decreto nº68.908/71, que dispôs sobre o Concurso Vestibular. De acordo com Otaíza de Oliveira Romanelli, o decreto

previa o vestibular classificatório, que eliminava, de uma vez por todas, o problema jurídico dos excedentes e determinava que a sua execução fosse realizada ao mesmo tempo, em todo o Território Nacional ou, pelo menos, para diferentes regiões. Além disso, previa que as provas fossem idênticas para toda a Universidade ou grupo de Instituições interessadas, bem como previa sua gradativa unificação para regiões cada vez mais amplas. Dispôs ainda que as provas se limitassem, daí para frente, a conteúdos relativos às disciplinas, obrigatórias do ensino de grau médio<sup>48</sup>.

Essas reformas da ditadura militar aumentaram, ainda mais, a concorrência entre os alunos que iriam prestar exames para os cursos mais “prestigiados”, como Medicina e Direito, uma vez que modificou o vestibular, unificando-o e estabelecendo quais conteúdos deveriam ser abordados nas provas.

---

<sup>47</sup> BOMENY, Helena. *Os intelectuais da educação*. p.61.

<sup>48</sup> ROMANELLI, Otaíza de O. *História da educação no Brasil*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p.229.

Os últimos momentos dos anos 1960 e início da década 1970, portanto, foram cabais no estabelecimento de reformas que transformaram o ensino superior e sua forma de ingresso, as quais, claramente, também atingiram os cursinhos, os quais, em suas propostas, imaginavam levar o aluno às faculdades do estado. Para responder a estas modificações, eles se modernizaram, adquirindo uma estrutura diferente das décadas anteriores. Foi o período do surgimento do CPU, o primeiro cursinho de estrutura semelhante aos atuais. No entanto, não estamos interessados no desenvolvimento desta segunda fase de cursos preparatórios para o vestibular, como resolvemos chamar os que surgiram a partir dos anos 70. O nosso trabalho interroga o surgimento da primeira fase dos cursinhos, ainda na década de 1950.

### 3. MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE CURSINHO: OS PRIMEIROS MOMENTOS DE UMA NOVA FORMA DE ENSINO

Ao iniciarmos esta pesquisa acerca do surgimento dos primeiros cursinhos em Natal, percebemos que não havia sequer um trabalho publicado sobre este tema, o que nos dificultou bastante as investigações históricas. A maioria dos estudos sobre a educação no Rio Grande do Norte, concentra-se ou no período da Primeira República ou nas ações ocorridas entre a década de 1950 e 1960, como a criação da Universidade do Rio Grande do Norte e a Campanha de alfabetização “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, lançada pelo então prefeito de Natal, Djalma Maranhão.

Essa impossibilidade de realizar uma pesquisa de fôlego acerca das práticas educacionais potiguares nos levou a imaginar outros procedimentos metodológicos que poderiam auxiliar ao desenvolvimento da pesquisa. Percebi que outros historiadores, em suas buscas, também tiveram as mesmas dificuldades que enfrentamos, mas se utilizaram da História Oral para solucionar seus problemas. Assim, influenciados pelas obras de Selva Guimarães Fonseca, *Ser Professor no Brasil*<sup>49</sup>, e de Emery Marques Gusmão, *Memórias de quem ensina História*<sup>50</sup>, buscamos, por meio de entrevistas, as respostas aos nossos questionamentos.

Assim, pensando na definição que Verena Alberta dá à História Oral, como um procedimento de pesquisa surgido em meados do século XX e que “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou

---

<sup>49</sup> FONSECA, Selva Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997.

<sup>50</sup> GUSMÃO, Emery Marques. *Memórias de quem ensina história: cultura e identidade docente*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”<sup>51</sup>, procuramos definir quais seriam os entrevistados que nos auxiliariam na formulação deste trabalho.

Infelizmente, alguns professores que compuseram na gênese dos cursinhos já não podem mais nos dar seus testemunhos, pois a morte já os visitou. Além disso, como este procedimento de pesquisa demanda negociação entre o historiador e seus entrevistados, várias vezes tentamos estabelecer contatos, geralmente negados com desculpas de que o tempo não daria condições para a realização da conversa. Mas, mesmo assim, conseguimos colher o testemunho de um dos primeiros professores daquela geração, José Henriques Bittencourt.

Escolhemos o professor Bittencourt por ser um dos agentes mais participativos na formação dos cursinhos, uma vez que ele esteve presente na origem dos cursinhos e foi fundador do *Dinâmico*, que se consolidou, nos anos 80, como uma das maiores estruturas de curso preparatório para o exame vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Para realizar a entrevista, estivemos atentos às sugestões de Verena Alberti, as quais estabeleciam que as perguntas deveriam ser abertas, para evitar que o entrevistado respondesse simplesmente com “sim” ou “não”, e que era necessário formular perguntas simples e diretas, sem extensas introduções que pudessem confundir o entrevistado<sup>52</sup>.

Outra preocupação que nos ateuve foi a idéia de que a entrevista de História Oral deveria ser compreendida como documento de cunho biográfico, e que, portanto, haveríamos de seguir a sugestão de Pierre Bordieu, para evitar a *ilusão biográfica*, a ilusão da unidade do eu, de uma identidade coerente<sup>53</sup>. Assim, ficamos atentos as falas do entrevistado, procurando inseri-las nos acontecimentos da época.

---

<sup>51</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.155.

<sup>52</sup> Ibid., p.179.

<sup>53</sup> Ibid., p.169.



### 3.1. Entrevista com o professor José Henriques Bittencourt

De formação tecnológica, graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco (1954), o professor Bittencourt esteve envolvido em diversos momentos na educação do estado. Quando houve a instituição da Escola de Engenharia (1957), o ele se tornou um dos seus membros fundadores, tendo sido professor e coordenador do curso de Engenharia, já quando esta faculdade estava inserida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos anos 1960.

Além de estar ligado ao ensino superior, José Henriques Bittencourt também foi responsável pelo estabelecimento dos primeiros cursinhos em Natal, ainda nos anos 50, e tornou-se um dos professores mais respeitados nessa área, tendo criado o *Dinâmico*, um dos mais importantes cursos preparatório para o exame vestibular, já no final da década de 1970.

Inicialmente, perguntamos acerca de sua formação profissional, quando começou seu interesse pelo ensino:

*Qual a sua formação profissional?*

Bittencourt – Eu me formei em 1954, em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, porque aqui em Natal não havia curso superior. Eu tive o prazer de estar na fundação, de ser um dos pioneiros da Escola de Engenharia da Universidade daqui.

*Quando foi que o senhor começou a trabalhar com educação?*

Bittencourt – Eu sempre gostei de ensinar. Eu era engenheiro, trabalhei em algumas repartições, mas tive o privilégio de ser um dos professores fundadores da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal.

Por ter trabalhado nas duas formas de ensino – superior e secundário –, por várias vezes o nosso entrevistado se refere ao curso de Engenharia, mesmo quando perguntado acerca dos cursinhos. Acreditamos ser esta uma estratégia de construção de



uma identidade, como mostrado por Bourdieu, de formação de um “eu coerente”. Sua história de vida está trespassada por seu auxílio na construção de um novo local de saber no estado, a Universidade do Rio Grande do Norte.

Pelo nosso conhecimento, sabíamos que, em Natal, nos anos 1950, já existiam alguns cursinhos. Perguntamos ao professor Bittencourt qual lembrança ele tinha da gênese dos cursos preparatórios para o vestibular:

*O senhor lembra dos primeiros cursinhos de Natal?*

Bittencourt – Eu me recordo bem que havia um professor pioneiro nos cursinhos. Ele morava na Rua Deodoro, já descendo para a Ribeira, e dava aulas na sua casa, para o vestibular da área biomédica. Posteriormente, o professor Herculano e Laércio também foram pioneiros. O professor Herculano não tinha formação tecnológica, era farmacêutico e dava aulas para a área biomédica, pois já existia a faculdade de Farmácia, de Odontologia e de Medicina. Depois ele estendeu seu curso para outras áreas, arranjando professores para dar outras disciplinas.

*Como eram as aulas naquela época?*

Bittencourt – Não havia uma questão formal, eram aulas ministradas em casa, como se fossem aulas particulares.

Naquela época não havia uma estrutura moderna, como as que os cursinhos atuais apresentam. Os pioneiros eram professores particulares, que estenderam suas aulas para outros alunos, no momento em que a demanda pelo vestibular aumentou. É válido notar que os cursinhos surgiram, principalmente, no cabo do desenvolvimento das primeiras faculdades em Natal, uma vez que, com estas instituições nas cidades, uma maior parte da população tinha possibilidades de continuar seus estudos, aspecto que não acontecia quando as faculdades estavam restritas aos grandes centros brasileiros e apenas a elite poderia mandar seus filhos para lá estudarem.

Outro aspecto a ser ressaltado é a necessidade de melhorar o nível de ensino do alunado, que chegava para prestar vestibular ainda com muitas deficiências provindas do ensino básico. Sabemos que os primeiros exames de habilitação para as faculdades

de Natal tiveram resultados catastróficos, com reprovação da grande maioria e, inclusive, sobra de vagas. No primeiro vestibular para Engenharia, como já informado anteriormente, só foram aprovados sete alunos, o que nos mostra que havia uma defasagem na educação norte-rio-grandense.

O professor Bittencourt lecionava a disciplina Matemática e, como a entrevista nos mostra, se recordou, principalmente, dos cursinhos ligados ao preparo dos alunos para a área tecnológica. Ele lembrou que, como o nível do vestibular para Engenharia era alto e muitos alunos não tinham condições de fazer a prova, informalmente, os próprios participantes da faculdade – professores e alunos graduandos – fizeram um cursinho:

Bittencourt – Foi criado pelos participantes do curso de Engenharia um cursinho que foi feito para estudar para a área tecnológica. Os pioneiros nesta questão foram eu, Dirceu Holanda, Geraldo Pinho Pessoa, Juarez Pascoal de Azevedo. Antomar Ferreira de Souza também participou. Ele ensinava no colégio Sete de Setembro.

*Onde vocês davam aula?*

Bittencourt – Nós alugamos uma sala no Sete de Setembro e dávamos aula lá, preparando os alunos para o curso de Engenharia.

Os primeiros cursinhos, portanto, surgiram, também, como necessidade da própria universidade em aumentar o nível do alunado que iria prestar vestibular para seus cursos. Os professores estavam ligados aos cursos de Engenharia, Farmácia, Direito, Medicina e Odontologia, e não tinham formação pedagógica, não eram licenciados nas suas respectivas disciplinas, uma vez que a própria Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, responsável pela formação de professores, só iniciou suas atividades em 1957<sup>54</sup>. Assim, no dizer do próprio professor Bittencourt, “na área tecnológica, a maioria eram engenheiros, não tinham formação pedagógica”.

---

<sup>54</sup> MEDEIROS, Tarcísio. *Estudos de História do Rio Grande do Norte*. p.194.

Como já dito anteriormente, a instalação de faculdades em Natal permitia que alunos não-provenientes das elites ingressassem nos cursos superiores. Muitos destes procuravam os cursinhos para sanar determinadas dificuldades. Obviamente, na década de 1950, em Natal, ainda uma pequena cidade, permanecia a existência de certos lugares sexuais<sup>55</sup>, ou seja, lugares dominados por determinado gênero. Os cursinhos apresentavam uma clientela marcada por homens, proveniente das classes médias:

*Qual era o perfil dos primeiros alunos de cursinho?*

Bittencourt – Eu creio que a maioria dos alunos que procuravam os cursinhos estavam preocupados com o vestibular daqui. Tínhamos uns trinta ou quarenta alunos. Eram poucas mulheres e a maior parte dos alunos não eram tão jovens. Eles eram, principalmente, da classe média, não eram da classe baixa, nem ricos. Alguns eram até mais simples. O pessoal que era rico ia para Recife, Salvador.

O período entre 1958-1968 apresentou várias transformações no ensino superior potiguar. Houve a criação da Universidade do Rio Grande do Norte, federalizada dois anos depois. No estado vivia-se um clima intenso de modernização, e o estabelecimento de uma instituição consolidada no ensino superior demonstrava o avanço potiguar. Os cursinhos vivenciaram aquele momento e, no entender do professor Bittencourt, a “procura pelos cursinhos aumentou, porque existiu [na época da criação da UFRN] um movimento muito forte no estado, um fenômeno muito amplo, no tocante à educação”.

Logo após a consolidação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, começaram a surgir cursinhos mais modernos, com uma estrutura semelhante aos atuais, com turmas maiores, aulas de revisão no fim de semana, dentre outros aspectos. O curso pioneiro foi o “Curso Pré-Universitário”, mais conhecido pela sigla CPU:

*O senhor lembra de alguns cursinhos dos anos 1960?*

Bittencourt – Tinha o Cursinho Pré-Universitário, o CPU. Ele foi o primeiro estruturado, assim, de forma moderna. Depois demorou

---

<sup>55</sup> PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998. p.38.

muito a aparecer alguns cursinhos como o CPU. Os cursinhos eram mais restritos, como cursos particulares.

Os cursinhos de estrutura mais moderna só vão se consolidar nas décadas de 1970 e 1980, com a formação do Delta, do Ferro Cardoso, do Dinâmico e do Hipócrates, cursos que tiveram importância cabal no estabelecimento do ensino preparatório para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Estes cursinhos foram considerados por nós como a segunda geração de cursinhos, surgida após as décadas de 1950-1960.

Os primeiros cursinhos, portanto, não eram semelhantes à estrutura atual. Eram mais parecidos com aulas particulares, uma reunião de alunos na casa de um professor ou em uma sala alugada. Não havia, ainda, a idéia de empresa nos primórdios, uma vez que não existia, sequer, concorrência entre os professores ou cursos, como acontece nos dias de hoje. Como muitos cursinhos surgiram da própria universidade, o professor Bittencourt frisa que “não havia muito interesse financeiro, havia mais o interesse na qualidade do ensino”, no melhor preparo do alunado que iria ingressar nas faculdades.

## CONCLUSÃO

Os cursinhos surgiram em Natal exatamente no momento em que o estado vivia uma perspectiva de modernização e os governadores financiaram o desenvolvimento e auxiliaram a consolidar as faculdades estaduais, que, nos anos 60 do século XX, tornou-se Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ao analisar o contexto no qual a origem dos cursinhos esteve inserida, percebemos que havia, naquele momento, uma grande euforia educacional no estado, não apenas com o ensino superior, mas também com as campanhas de alfabetização, como a lançada pelo prefeito de Natal, Djalma Maranhão. Assim, os cursinhos aparecem como outra forma de ensino, dentro de todo clima de progresso e modernização daquela época.

Além disso, com a instituição da Universidade em Natal, a maioria das pessoas que concluíam o ensino secundário tinha condições de continuar seus estudos, uma vez que os cursos oferecidos eram gratuitos, de boa qualidade, e próximos de suas casas. Assim, esses alunos passaram a prestar vestibulares, mas, muitas vezes, suas deficiências impediam seus sucessos.

Verificando isso, professores e alunos, inclusive os que já estavam nos cursos superiores, iniciaram os primeiros cursos preparatórios, com o intuito de melhorar a qualidade dos candidatos que iriam prestar exames de habilitação.

Naquele momento, os cursinhos surgiram de forma praticamente “amadora”, sendo realizado nas casas dos professores ou em salas alugadas. Não havia funcionários e eram os próprios mestres que se preocupavam com as questões financeiras, dentre outros aspectos administrativos.

Assim, percebemos que os primeiros cursinhos não eram empresas, como hoje o são. Havia, entre os participantes deste movimento, claro, interesses financeiros, mas a qualidade do ensino era também fundamental, bem como o preparo dos seus alunos para o melhor ingresso na recém-fundada Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Entrevista

BITTENCOURT, José Henriques. **A formação dos cursinhos em Natal**. Entrevistador: Henrique Alexandre Medeiros de Lucena. Natal, 2006. 1 Cd (76 min.), mono.

### 2. Bibliografia consultada

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.155-202.

ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante**. Natal: EDUFRN, 1998.

BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COSTA, A. M.; SCHWARCZ, L. M. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Virando Séculos, 6)

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas: Papyrus, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sonhos. In: GOMES, A. de C.; PANDOLFI, D. C.; ALBERTI, V. (Coord.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p.385-437.

GUSMÃO, Emery Marques. **Memórias de quem ensina história: cultura e identidade docente**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MARIZ, Marlene Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MEDEIROS, Tarcísio. **Estudos de História do Rio Grande do Norte**. Natal: Tipografia Santa Cruz, 2001

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.13

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da educação no Brasil**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.